

A REVISTA DE AREIA

A MAGAZINE MADE OF SAND

Mácllem Luan da Rocha¹

Resumo: O relato apresenta uma exposição do processo de criação do periódico eletrônico Revista Areia, do grupo PET Letras da Universidade Federal de Alagoas, discorrendo sobre a necessidade do estímulo à produção acadêmica na graduação e da criação de um canal de publicação para graduandos no cenário da universidade brasileira. Em seguida, revela os enfrentamentos para a montagem do processo editorial da revista, a concretização do primeiro número e a expectativa de expansão do periódico. As experiências relatadas foram recuperadas por meio de registros de pautas das reuniões em anotações pessoais e correio eletrônico, e os dados mencionados foram coletados em artigos acadêmicos, ensaios e reportagens de veículos de informação. O objetivo do relato é registrar e compartilhar o percurso dos estudantes bolsistas da graduação na montagem de um periódico científico nacional, proporcionando a coletivização da experiência vivenciada.

Palavras-chave: Revista eletrônica. Publicação na graduação. Processo editorial.

Abstract: The report presents an exposition of the creation process for an electronic journal named Revista Areia, from PET Letras, an academic group from the Federal University of Alagoas. It discusses both the necessity to stimulate academic production at the undergraduate level, as well as and the creation of a publication channel for undergraduate students in the Brazilian university scenario. Thereafter, the paper shows the struggles to assemble the journal's editorial process, the completion of the first issue, and the expectation of expanding the journal. The reported experiences were retrieved through the records of the agendas of the meetings in personal notes and e-mail exchanges, and the mentioned data were collected in academic articles, essays, and media channels reports. The objective of the report is both to record and demonstrate the path of undergraduate scholarship students in assembling a national scientific journal, providing the sharing of this lived experience.

Keywords: Eletronic journal. Publication at undergraduate level. Editorial process.

1. Um prólogo

Na Universidade Federal de Alagoas, os estudantes de Letras foram os primeiros contemplados pela instalação do Programa de Educação Tutorial (PET), em abril de 1988, por meio dos esforços da professora Maria Denilda Moura, também fundadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL, da revista *Leitura* e presidente (de 1995 a 1997) da Associação Brasileira de Linguística. Notavelmente uma mulher de nobre empenho,

¹ Graduado em Letras Português pela Universidade Federal de Alagoas. Participou do grupo PET Letras Ufal no período de 2015 a 2018. Professor de Língua Portuguesa da rede particular de ensino da cidade de Maceió. E-mail para contato: maclemluan@gmail.com.

resistente às adversidades e de prestígio reconhecido nacionalmente. Incorporados pelo espírito ativo e produtivo dessa grandiosa professora, o grupo PET evoluiu dando passos importantes para a maturação dos cursos da Faculdade de Letras (Fale), destemido diante das incertezas e intempéries dessa jornada da educação e da ciência no Brasil.

A história do PET Letras é longa e merece um espaço reservado para ser contada, além de um trabalho cuidadoso de resgate de memórias e documentos. Aqui vamos saltar vinte e oito anos de sua história de trabalhos, inovações e resistências, dos quais vinte e um foram tutoriados pela ilustre fundadora, e os anos seguintes pela inesquecível professora Núbia Faria, que após 2017 se despediu do grupo para a entrada da estimada professora Fabiana Pincho. Esse salto é para 2016, quando o grupo, munido de toda experiência que os/as petianos/as anteriores haviam vivido e documentado, inicia um trabalho desafiador e sem precedentes na história daquela faculdade: a produção de uma revista voltada para estudantes da graduação.

2. Revista para quê?

Até então, a Fale tinha o periódico do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL), a revista *Leitura*, que responsabilmente, mas não sem desafios, cultivava e disseminava pesquisas nas áreas de linguística e literatura desde 1987. Todavia, o estudante da graduação que tinha interesse na progressão da vida acadêmica estava distante dessa prática que marca a educação superior, sem recurso que o permitisse desde cedo aprimorar sua experiência, de galgar o caminho de pedras e conhecer a vivência com proximidade.

Era responsabilidade do grupo PET Letras na UFAL não só diagnosticar esse problema, mas propor uma maneira de resolvê-lo. Isso é atribuição essencial do grupo desde que, em 2004, o Ministério da Educação, cinco anos depois de ter recebido da CAPES a gerência do antigo Programa Especial de Treinamento (até então voltado para a pós-graduação), organizou e rebatizou o programa convocando-o para dissolver, por meio da tutoria, o quanto fosse possível as dificuldades da graduação. Daí que passou a chamar-se Programa de Educação Tutorial e trabalhar sistematicamente em prol da graduação.

Para o acadêmico de Letras, que estuda para entender o funcionamento da linguagem na sociedade, conhecer e participar da pesquisa científica atinge fundamentalmente a sua formação porque ele se tornará um profissional da educação. E seja no ensino básico ou no ensino superior, esse profissional tem um compromisso com a facilitação do acesso ao conhecimento e com a socialização da ciência. Como nos indica o educador Valter Soares

Guimarães, no livro *Formação de professores: saberes, identidade e profissão*, a participação ativa na produtividade da universidade contribui para as mudanças de paradigma na formação e atuação profissional do educador.

É evidente, entretanto, que a cada ano a ciência e a educação ficam mais distantes da atenção que lhes devem o Governo Federal, contrariando as expectativas de ordem e progresso, valores estampados no lábaro nacional, guardados e promovidos pelo conhecimento. Só em maio de 2021, a comunidade que trabalha pela educação acadêmica no Brasil sofreu um corte no orçamento livre de 37%, regredindo dez anos em termos de investimento. Na Universidade Federal de Alagoas, o corte inicial é de R\$42 milhões de reais, que obriga a suspensão das bolsas de extensão e ameaça dramaticamente o segundo semestre do ano.

A tragédia aumenta com a percepção de que são os gastos em pesquisa e desenvolvimento que medem o esforço do país em estimular o desenvolvimento. Em 2016 ocorria o início dessa recessão, quando o investimento em pesquisas caiu 9%, ficando abaixo do PIB estimado no ano anterior, segundo a Pesquisa FAPESP. De acordo com o cenário daquele momento, esperava-se cortes mais abissais, no entanto as tentativas de atenuar a severidade da faca que retalhava o financiamento de projetos em universidades e instituições científicas foi gravemente avariado e se tornou costumaz, ano a ano.

Ali em 2016, quando o cenário da educação nacional sentia a gravidade da crise política instalada no país, a Revista *Areia* era concebida pelos estudantes bolsistas e a professora tutora Núbia Faria sobre a mesa de reuniões da sala Maria Denilda Moura. Os ensejos de estender os braços daquela comunidade científica para alcançar outras academias e fortalecer o desenvolvimento da pesquisa também incorporavam uma forma de combater as fissuras que fragilizavam as universidades.

O desafio, no entanto, não se limitava à falta de recursos que incentivassem o circuito editorial das universidades. Alcançava também as ferramentas e entendimentos que viabilizassem o ingresso no próprio circuito editorial. As tratativas e decisões acerca do conteúdo, da plataforma, do protocolo de avaliação e da divisão de cargos para fazer executar essas ações representavam uma parcela extenuante da vida acadêmica daqueles que geravam a revista.

A parcela do trabalho pela democratização do conhecimento consistia em criar circunstâncias favoráveis para que um estudante da graduação de Letras, e de estudos afins, pudesse construir parte da sua carreira universitária. Gerar a revista era abrir espaço no campo

para cultivar a produção científica. Arar a terra desse espaço, não inesperadamente, era dispendioso. Exigia conhecimento teórico, experiência prática e empenho criativo. O grupo PET, sob o privilégio de ser um programa tutorial, administrava com resignação as adversidades e criava o ambiente propício para a socialização de saberes diversos. Professores experientes na área de publicação foram convidados, docentes versados em avaliações de textos e interessados na promoção do conteúdo que ali se cultivava e que pudesse vir de outros *campi*. Organizar as informações era mais difícil do que aceitar o desafio, naturalmente, mas a universidade pública é vigorosa, e mesmo com as estruturas aquebrantadas, inspirava força para resistir.

3. O caminho arenoso

Já há oito anos o grupo PET Letras produzia a Semana de Letras, evento anual que promove o debate acadêmico e a promoção de trabalhos científicos da área. A Semana, que é organizada em conferências, minicursos, mesas redondas, exposições artísticas e eventos culturais, consolida o papel do aluno da graduação na produção científico-cultural da Faculdade, incentivando a pesquisa e registrando os trabalhos nos anais do evento. Mas havia a possibilidade de fazer mais com os trabalhos apresentados, assim como era possível estimular a cultura da pesquisa naqueles que tinham uma participação passiva na graduação.

O grupo PET Letras, por conseguinte, encontrou a oportunidade de ampliar esse incentivo expandindo o espaço de publicação. Com um espaço próprio para publicar estudantes da graduação da Faculdade de Letras, se estreitava o contato com canais de publicação e estimulava-se a autoria, bem como aproximava os/as PETianos/as do trabalho editorial, entendendo internamente o funcionamento desse processo acadêmico.

Após declarada aberta a gestação de um periódico pelo PET Letras, o grupo convidou o professor Luiz Fernando, pesquisador na área do hipertexto, da escrita e leitura em dispositivos digitais, e editor da revista *Leitura* (de 2015 a 2017). Seu suporte técnico e teórico orientou o grupo acerca das políticas editoriais de uma revista, como seu foco e escopo, que delimita propósito, público e políticas de submissão; as políticas de seção da revista, que define a abertura e fechamento da submissão, a indexação e a avaliação do trabalho; e o processo de avaliação por pares, feito de modo anônimo por pareceristas cadastrados na revista ou *ad hoc*. Em formato digital, a revista podia contar com o *software* usado oficialmente pela UFAL para publicações, o SEER (Sistema Eletrônico de Editoração

de Revista). Iniciamos o trabalho de cadastrar no sistema todos os integrantes do grupo, que a partir de então teriam a oportunidade de se tornar editores de uma revista científica.

Havia um passo criativo importante para a construção da revista, além do embasamento teórico e da capacitação técnica no uso do sistema de editoração. Precisávamos dar nome e identidade para nosso periódico que tivessem paridade com o grupo. Em uma reunião ocorreu de uma PETiana afeita aos estudos literários com a paixão dos sonetos vinicianos, Júlia Cunha, rememorar uma narrativa fantástica argentina “O livro de areia”, de Jorge Luiz Borges. O conto, que também intitulava o último livro do escritor, conta a história da visita que uma figura pedante, conhecedor de artigos textuais, recebe de um vendedor de bíblias cansado. O mistério que o segundo livro sagrado oferecido pelo visitante guardava despertou a curiosidade do misantropo bibliófilo pela mutabilidade do texto, a impermanência das palavras.

A “combustão de um livro infinito” inspirou o nome da revista por infundir o dinamismo e o aspecto intertextual da leitura, suas múltiplas formas e direcionamentos, além de representar a irrupção dos paradigmas ortodoxos que engessam os estudos da linguagem. O nome “areia” agradava pela beleza estética da palavra, uma pequena trissílabo paroxítona rica em sonoridade vocálica, mas sobretudo pela riqueza visual e semântica do vocábulo, devido ao aspecto multiforme do mineral, que a depender do recipiente que preenche, toma diferentes formas, assim como faz o texto; à conotação temporal e espacial remetida pelo termo quando associado à ampulheta que minuta a passagem do tempo, ou ao punhado de grãos que pela extensão da existência e pela infinitude numérica não tem início nem fim.

Com o nome, o próximo desafio era a identidade visual, que precisava ser coerente com as ideias que semeávamos e de igual efeito estético. O PETiano egresso Victor Verçosa tinha deixado uma passagem marcada pela sua facilidade técnica em operar programas e aptidão para a criatividade imagética. Foi convidado para atuar nessa empreitada e aceitou, retornando com a proposta que hoje figura o logotipo da revista. A fonte que escreve o nome é composta por formas circulares e recortadas, irregulares como os grânulos da areia, que imprimem uma sensação visual de serem como peças deslocáveis, portanto adaptáveis e multiformes qual o principal objeto de estudo difundido pela revista.

Concomitante a essas evoluções, as reuniões do PET Letras desenvolviam outras demandas pertinentes à construção da revista. O grupo precisava organizar a distribuição das atribuições e criar os cargos que se responsabilizariam pelas diferentes etapas do processo editorial. Há estruturas diferentes de organização de cargos que atendem às necessidades de

cada revista. Comparando diferentes estruturas, analisando a ficha técnica de outros periódicos, o grupo discutiu as formas de organização e dividiu-se em quatro comissões: a de coordenação, que viria a receber o papel de editores-gerentes e estava responsável pela condução das reuniões e coleta de demandas; a comissão científica, que receberia o papel de conselho científico e estava responsável por zelar pela identidade das edições e pela recepção das submissões; a comissão acadêmica, com o papel de conselho editorial, trabalhando no acompanhamento dos trabalhos aprovados e em avaliação, mediando o contato entre o autor e o avaliador; a comissão de comunicação, inicialmente com o papel de edição de layout, ficaria responsável pela divulgação do periódico na UFAL e em outras IES. Assim como os cargos regulares do grupo PET Letras, os da revista seriam ocupados em rodízio, alternando entre os integrantes a cada edição lançada para que a experiência dos diferentes trabalhos editoriais fosse vivenciada em dinamismo.

Com os trabalhos comissionados, a revista, que já tinha proposta, nome e rosto, ganhou corpo. Precisava então de seu registro oficial de nascimento, autenticando sua validade entre os outros periódicos, o ISSN - que foi solicitado por meio da Editora Universitária, a EDUFAL - e necessitava de seu regimento, o estatuto que norteia os autores acerca das normas da revista. Este segundo exigiu um longo trabalho de ponderação e redação. Era necessário entender a demanda da graduação para criar condições propícias para publicação e estabelecer critérios editoriais, ao mesmo tempo que articular essas normas em bom português, eliminando ambiguidades em pequenos enunciados que não raramente despertavam controvérsias ao longo das reuniões.

Enquanto a comissão científica elaborava o regimento, a comissão acadêmica garimpava docentes para a equipe de avaliadores da revista. Foram listados nomes de diferentes áreas de estudo, nas faculdades de letras e cursos afins, na UFAL e em outras IES, para garantir amplitude na articulação do trabalho. A extensão dos colaboradores pelo país, para além de nosso campus, estendia os limites da revista, expandindo seus horizontes, levando trabalhos locais para serem avaliados por pesquisadores de outras regiões e, por consequência, divulgando a revista como mais um canal possível para publicação de graduandos de outros estados. E a comissão de comunicação, por sua vez, trabalhava na elaboração de cartazes físicos e digitais, assim como na tarefa de contatar grupos de pesquisa, professores e órgãos, sinalizando o novo canal de publicação de trabalhos de estudantes.

4. O primeiro número

Tudo já estava montado, os esteios levantados, a base bem sedimentada. Debates e exposições sobre temas que variavam do mais usual ao menos previsível se desenrolavam pelas manhãs de sexta-feira, reservadas para a Areia, e ainda requisitavam pontos na pauta da consagrada reunião ordinária de quarta-feira. Prazos e data de lançamento estavam definidos e precisavam acontecer. Para isso, não podíamos parar e esperar. Precisávamos continuar agindo até que a manivela tomasse impulso e começasse a girar com fluidez. Não bastava erguer a estrutura, porque os trabalhos não viriam nos procurar aos montes. A proposta de lançar a primeira edição visava a estimular a produção de pesquisas, e isto não ocorreria dentro de um semestre, de uma página para outra, apenas porque uma edição estava aberta. Precisávamos apreender que o trabalho editorial requer busca e rastreio. E dimensionar o tempo para revisão após a captação, para que com a passagem dos meses e a morosidade do processo não encolhêssemos os ânimos.

As submissões que chegavam estavam em avaliação e o primeiro número da revista amadurecia, todavia o *fluxo contínuo*, sistema de publicação adotado pela equipe editorial, permitia que novas submissões ainda alcançassem aquela edição ou pleiteassem a segunda. Afora isso, a revista precisava fomentar curiosidade e interesse, buscando cativar entusiasmo na esfera da graduação. Então elaboramos um plano de ação para estimular submissão de trabalhos e aprimorar o alcance de leitores, afinal, estimular a produção de texto requer também o estímulo à leitura.

Visto que no ano anterior, em 2016, a linguista Eliana Mara Silveira havia concedido uma entrevista sobre o centenário do CLG, de Saussure, na 9ª Semana de Letras, e no ano em questão, 2017, o professor José Luiz Fiorin estava confirmado para a conferência de abertura do evento, convidado igualmente a conceder entrevista, organizamos os papéis para que a revista reservasse uma seção à publicação do gênero. De riqueza elevada, a entrevista permite a oportunidade de suscitar questões diretamente ao invitado, registra seu pensamento recente e tem o benefício dos enunciados arejados pela conversação.

A comissão de comunicação intensificou os empenhos pela divulgação do lançamento, na produção de materiais para as redes sociais e murais das faculdades de letras e estudos afins. Para rematar o trabalho que promovia a familiarização e aproximação dos estudantes com o periódico, ofertamos minicurso sobre as plataformas Lattes e SEER, usadas no nosso cenário acadêmico de publicação, e o regimento da revista, para instruir sobre as possibilidades e diretrizes da produção universitária.

O lançamento da revista aconteceu em 2018 e foi marcado pela publicação do primeiro número - após um clique aprazível na última confirmação do *software* - que reuniu a entrevista da linguista Eliane Mara Silveira, nove trabalhos aprovados por avaliação, entre artigos, resenhas e texto literário, e um por premiação, o conto vencedor do V Concurso de Contos Arriete Vilela.

5. Projeção

O grupo PET se renova a cada ciclo de PETianos/as que se graduam, recebendo estudantes novos, reformulando as idiossincrasias de cada formação. Ao chegar no grupo, o calouro não tem a mesma experiência de quando está veterano, e é preciso introduzir os conhecimentos e técnicas que são básicos no desenvolvimento dos trabalhos. Assim, depois de lapidada a prática da editoração, o grupo criou um manual para que os/as próximos/as PETianos/as pudessem consultar e aprimorar, de maneira que a sucessão do aprendizado fosse sempre assegurada e aperfeiçoada.

É a natureza da ciência expandir-se no conteúdo e na propagação. Há milênios o conhecimento se torna cada vez mais profundo e disseminado, gerando possibilidades de crescimento e transformação nas sociedades que o apreciam. Em função disso, é salutar que haja condições apropriadas para garantir um conhecimento de qualidade.

Do mesmo modo, a substância do grupo PET Letras da UFAL, que concebeu e compõe a equipe editorial da Areia, sempre foi de geração e expansão. Desde os seminários discentes e a atividade de extensão, passando pelos cursos de recepção de calouros até as Semanas de Letras, o time PETiano é caracterizado por manter girando a roda da criação ou remodelando o que já foi criado, bem como por assegurar que o conhecimento se estenda para a comunidade, a fim de que alcance alunos da graduação, estudantes da rede pública e PETianos vindouros. Conhecimentos das mais diversas formas e com finalidades díspares são projetados, debatidos e perpetuados. Assim, a Revista Areia se pretende: expandir-se. Alastrar-se como grãos para formar caminhos, trilhando passagens sobre as fronteiras e firmando espaços para o conhecimento.